

Vivemos numa cultura saturada de estímulos à visibilidade. Além de serem consumidores -- vorazes ou entediados -- de toda sorte de imagens fixas e em movimento, os jovens do início do século XXI costumam estar permanentemente equipados com dispositivos digitais munidos de câmeras de fotografia e vídeo, por exemplo, que lhes permitem também produzi-las e fazê-las circular nas redes informáticas.

No entanto, o que faz com que a experiência da imagem ganhe espessura e possa deixar marcas no mundo, tanto em escala individual como coletiva? É provável que isso seja algo que se possa aprender. Se for assim, por que não tentar nas escolas? Este livro conta uma aventura que apostou nessa corajosa ideia.

Em suas páginas, César Migliorin relata a implantação de um projeto desenvolvido por universitários do Rio de Janeiro que ousaram irromper nesses âmbitos usualmente tão alheios: as escolas públicas brasileiras. Com câmeras na mão e ambiciosas intenções estético-políticas, eles deram esse passo sem saber direito quais seriam as dificuldades a serem enfrentadas e nem as surpresas com que se deparariam, mas dispostos a perturbar certas estruturas que vigoram nessas instituições com a sua proposta de fundir cinema e educação. E, também, preparados para se deixarem afetar pelo que ali encontrassem.

Já faz tempo que os filmes são utilizados em sala de aula como recursos pedagógicos habituais, para ilustrar ou aprofundar certos assuntos tratados nas obras que integram o currículo escolar. Há inclusive oficinas que ensinam a filmar, fornecendo aos alunos o instrumental técnico necessário para produzir suas próprias imagens. Sem desmerecer a importância dessas atividades, os protagonistas desta história assumiram que seria possível ir além. Não quiseram se limitar a ensinar uma gramática cinematográfica, mas procuraram promover o pensamento crítico a respeito das escolhas de criação plasmadas nas telas, apontando para discussões sobre as dimensões estéticas, narrativas, éticas e políticas do que se mostra e se vê.

A proposta contada neste livro parte de uma premissa bela e audaz: "todo estudante é capaz de fazer cinema". Isso significa "atuar criativa e criticamente com a câmera", ou seja, conceber modos de mostrar o real numa tela e compartilhá-lo; em suma, descobrir e interrogar o que existe, inventando o mundo com o cinema. Trata-se, afinal, de levar a sério a possibilidade de o cinema pensar o mundo e, em particular, essa instituição basilar de nossa sociedade que é a escola.

"Se as imagens hoje fazem com frequência o papel contrário, limitando nossas experiências - do turismo à publicidade - a aposta no cinema não deixa de ser um embate pela possibilidade de uma experiência", afirma o autor, "pela possibilidade da presença dos estudantes na relação com o que eles vêem e sentem". E, em seguida, acrescenta: "não seriam esses os papéis de toda educação e de toda produção de conhecimento?"

O livro de César Migliorin é uma ferramenta muito bem-vinda e com vários usos possíveis. Em primeiro lugar, pode servir como um valioso manual inspirador para desenvolver ações semelhantes às aqui narradas. Além disso, ele também oferece um vasto campo de reflexões em torno ao cinema, à política e à educação, que conforma o solo teórico dos projetos em questão mas que também foi alimentado pela riqueza dessas vivências. Por isso, seus desdobramentos podem dar consistência a outras iniciativas tendentes a subverter a lógica escolar para fazer desses espaços verdadeiras usinas de criação e aprendizado.

*Paula Sibilia*